

Troca de bombas ou bofetadas entre **Reagan** e **Kadafi** não assustou **Caíto Alcântara Machado**, diretor de montagem da Fenit. Nos intervalos do seu trabalho de botar a próxima feira em pé, ele conseguiu sua inscri-

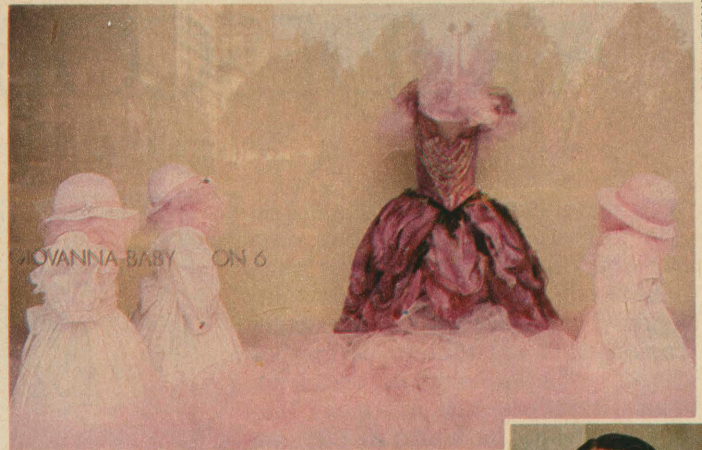
ção para ser o primeiro brasileiro a participar do **rallye Paris—Dacar**, que larga no segundo semestre e propõe a seus heróicos participantes a travessia de moto, em vinte dias, dos 14 000 quilômetros que compõem o percurso do

rallye Europa—África, por caminhos infestados de *esportistas* mais chegados a um carro-bomba. Para enfrentar a maratona, Caíto já mandou preparar uma moto — entre 600 e 900 cilindradas — que, se sobreviver ao rallye, ele promete tomar.

“Não me parece muito mais difícil do que montar a Fenit e depois agüentar aquele mutirão de gente”, diz Caíto, que, por via das dúvidas, está tomando especiais providências com a roupa que usará durante a prova. ■



Caíto: Paris—Dacar de moto sob perigo



Giovanna (à dir.): a moda infanto-juvenil brasileira finalmente chega a Nova York

A província contra-ataca. Uma poderosa indústria de São Paulo volta para o mercado infantil e infanto-juvenil, a **Giovanna Baby**, inaugurou com estardalhaço há duas semanas a sua filial em **Nova York**, e no melhor ponto possível: na 5.ª Avenida, entre as ruas 57 e 58, a uma quadra do Central Park. Sua proprietária, **Giovanna Kupfer**, 39 anos, está ao mesmo tempo orgulhosa e envergonhada: “Nossos 2 000 produtos, incluindo roupas, brinquedos, perfumes e relógios, todos fabricados aqui, serão comercializados em Nova York. E, na inauguração, não tínhamos um único brasileiro lá para contar a história.” ■



O pintor **Hermelindo Fiaminghi**, 66 anos, costuma ser procurado por senhoras desejosas de aprender a sua receita de têmpera, com a qual pintam suas cerâmicas ou porcelanas. “A receita costuma criar problemas”, diz Fiaminghi. “Basta juntar duas gemas de ovos, duas claras, partes iguais de água, quatro gotas de óleo de linhaça e de cravo, agitar e guardar em lugar fresco, antes de se acrescentar o pigmento. Se a têmpera for batida, fica em ponto de maionese e pode ser confundida com a própria. O marido de uma dessas senhoras achou um vidro de maionese com têmpera na geladeira e passou-a num sanduíche. Em seguida me telefonou preocupado. Mas eu o tranquilizei. Exceto provocar impotência, têmpera não faz mal à saúde.” ■



Kid Vinil: interpretando Sarney com sua banda

O roqueiro, disc-jóquei e vocalista **Kid Vinil** cansou-se de passar os últimos três anos dos seus 31 apresentando-se em mais de 600 shows pelo Brasil, de ponta a ponta, com o grupo **Magazine**, cantando sempre as mesmas coisas e ainda sendo obrigado a aturar no rádio as repetidas apresentações dos seus grandes sucessos, *Eu Sou Boy* e *Tic-Tic Nervoso*. No começo do ano, para usar a linguagem do rock, ele resolveu *disbandar* o Magazine e partir para uma proposta ousada. Armou uma nova banda, chamada **Kid Vinil e os Heróis do Brasil**, na qual os músicos que o acompanham se vestem como militares e Kid encarna nada menos que o presidente **Sarney**, com faixa e tudo. A estréia oficial será no próximo sábado e, não por coincidência, no salão de baile do Círculo Militar, no Ibirapuera, um aprazível reduto social de militares na ativa ou de pijama. “Meu sonho era ser **Bryan Ferry** e cantar blues românticos”, diz Vinil. “Mas, com a cara de deboche que vendi, não posso mudar mais.” ■

A REDESCOBERTA DA LUZ

Novas opções de cultura e lazer no bairro

Para quem mora na Zona Sul da cidade, trata-se de uma área de feições inóspitas, que nada justifica adentrar. Já os habitantes das regiões Norte, Leste e Oeste cruzam geralmente o quadrilátero de prédios antigos e tradicionalmente decadente apenas como ponto de passagem. Mas há algo de novo no bairro da Luz, um dos mais históricos da cidade, conhecido entre os séculos XVI e XIX simplesmente como Guaré. Por enquanto, são apenas centelhas de renascimento — projetos de restauração de alguns prédios públicos de valor arquitetônico, abertura ao público de dois novos museus, programação de atividades culturais como concertos e cursos de pintura ao ar livre em pontos até agora marginalizados do roteiro de entretenimento dos paulistanos. Mas essa incipiente fermentação promete ganhar novo impulso nas próximas semanas com a inauguração de um centro totalmente dedicado às artes — as Oficinas Culturais Três Rios, um conjunto de ateliês para bailarinos, músicos e pintores onde até 1982 funcionava a Escola de Odontologia da USP. Ali entre paredes recendendo a tinta nova e uma recém-reformada galeria de arte pós-modernista e teto de vidro, já se podem ouvir acordes de uma orquestra em ensaio — a Orquestra Sinfônica Juvenil do Litoral, antes confinada, para seus treinos, ao acanhado porão da Secretaria de Estado da Cultura, na Rua Líbero Badaró. Em outras ocasiões, é o som de corais se afinando que rompe a balbúrdia do circundante bairro do Bom Retiro, talvez o mais rico pote de mixagem de culturas da cidade.

A algumas quadras de distância, o Museu de Arte Sacra, instalado no Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz, o mais preservado conjunto arquitetônico colonial de São Paulo, inaugura uma programação regular de concertos de música clássica. Na atmosfera



Galeria das Oficinas Culturais Três Rios



Ensaio da Orquestra Sinfônica Juvenil do Litoral: antes da inauguração

solene do mais abrangente repositório de arte sacra do país, a pouca distância de duas belas imagens do Aleijadinho, os concertistas não apenas exibem sua arte, mas discorrem sobre seu método de trabalho e sua visão da música. "São espetáculos didáticos", diz o organizador, professor Carlos Kaminski, 38 anos. No último domingo foi a vez do compositor Nilson

Lombardi e maio é o mês do piano. Em junho, sempre aos sábados, desfilarão conjuntos de câmara.

MÚSICA E FORTALEZA — Para quem gosta de ciência, história ou feitos militares não faltam outras veredas a explorar. Há o Museu da Saúde, organizado e franqueado ao público no ano passado no desativado prédio do Desinfectório Central — o centro de combate às epidemias do início do século. Outra opção é o recém-inaugurado Museu Militar de São Paulo, numa edificação cor-de-rosa com torreões, ameias e guaritas no estilo das antigas fortalezas do norte da África sem contar a chaminé da primeira usina de eletricidade da cidade, que deu nome ao bairro e cuja base — onde ainda se lê "Luz Elétrica" — está agora sendo restaurada.

Alguns desses novos pontos de atração surgiram ou ganharam novo apelo nos últimos anos — como o teatro Franco Zampari, erguido no local do demolido presídio Tiradentes, cujo arco permanece na avenida do mesmo nome em memória das várias gerações de presos políticos — entre os quais o escritor Monteiro Lobato — ali confinados ao longo dos anos. No Franco Zampari pode-se assistir gratuitamente, de segunda a sexta-feira, às gravações ao vivo de todos os programas de música da TV Cultura, do *Café Concerto*, com o Zimbo Trio, às segundas-feiras, às canções sertanejas de *Viola, minha Viola*, às quintas. Outras atividades estão ganhando forma sob o impulso de um projeto

da Secretaria de Estado da Cultura, o Luz Cultural, que se propõe a valorizar o bairro com o mínimo de despesas e o máximo de programas culturais. "Poucas regiões da cidade concentram espaços para lazer e cultura como a Luz, mas tudo isso está subaproveitado", diz a arquiteta Regina Meyer, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e coordenadora do pro-